

CARACTERÍSTICAS DA PRODUÇÃO DE SOFRIMENTO PSÍQUICO EM ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS DE UMA UNIVERSIDADE DO NOROESTE DO PARANÁ

Wellington de Souza Nisterac (PIBIC/AF/IS/CNPq/FA - UEM), Rosana Aparecida Albuquerque Bonadio (Orientadora), Hilusca Alves Leite (Coorientadora), e-mail: wellingtonnisterac@outlook.com

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas, Letras e Arte
Maringá, PR.

Psicologia / Aprendizagem e desempenho acadêmicos

Palavras-chave: Sofrimento psíquico, Universitários, Psicologia histórico-cultural.

Resumo

É necessário o estudo acerca do sofrimento psíquico de universitários, sobretudo, mas não apenas, nos cursos de Psicologia, responsáveis por formar profissionais para trabalhar e amenizar o sofrimento alheio. Esta pesquisa, portanto, teve como objetivo geral compreender como estudantes de séries distintas do curso de Psicologia de uma Universidade do noroeste do Paraná têm manifestado o sofrimento psíquico produzido em meio acadêmico, discutindo a medicalização como possível alternativa adotada para lidar com este fenômeno. Para tanto, foi realizado um levantamento bibliográfico e entrevistas semiestruturadas, utilizando-se dos aportes teóricos e metodológicos do Materialismo Histórico Dialético e da Psicologia Histórico-Cultural, a fim de compreender o fenômeno enquanto produção social, cultural e histórica. Foram aplicados um total de 238 questionários e observou-se a fragilização de laços entre estudantes e professores na grande maioria dos questionários. 70% afirmou não se sentir amparado em relação às angústias produzidas no meio acadêmico, 67% faz uso de alguma substância psicoativa, desse percentual, 71% sente a frequência do uso aumentar em períodos de provas e trabalhos. Outro dado observado é de que 30% começou a fazer uso de algum medicamento após o ingresso na graduação e 42% desenvolveu alguma complicação médica. Por fim, 71% dos entrevistados participa de alguma atividade extracurricular. A partir dos resultados obtidos, destacamos as multideterminações da produção deste sofrimento, reforçando a importância de novos estudos e reflexões sobre a temática e a construção de redes de proteção, assistência e permanência estudantil dentro das instituições de ensino superior (IES).

Introdução

O presente estudo surgiu de uma inquietação do autor sobre a temática, pouco discutida no ambiente acadêmico ao qual está inserido e, acredita-se que em outras IES o quadro não seja diferente. É necessário o estudo acerca do sofrimento psíquico em universitários para que possamos (re)construir instituições que

promovam de fato desenvolvimento humano e científico, ofertando espaços de convivência, produção de sentido, saúde e proteção. Além, da compreensão a respeito das estratégias adotadas por estudantes para lidarem e superarem condições produtoras de sofrimento e adoecimento, como o uso de medicamentos e substâncias psicoativas.

A fim de dar subsídio para o desenvolvimento desta pesquisa, recorreremos ao método do Materialismo Histórico-Dialético e da Psicologia Histórico-Cultural, para compreendermos o significado da categoria trabalho em uma sociedade baseada nos modos de produção capitalista, como se dá a divisão do trabalho em trabalho manual e intelectual e o trabalho alienado para, então, pensarmos e problematizarmos o trabalho realizado na Universidade. De acordo com Leontiev (1978, p. 69-70) “[...] o trabalho, escreve Engels, criou o próprio homem. Ele criou também a consciência do homem.”. Considerando que a consciência é um produto criado a partir do trabalho, o processo de alienação se dará a partir da divisão do trabalho. Tais categorias nos auxiliam a pensar no modo de organização do trabalho em uma IES e, como tal alienação pode produzir estranhamento, sofrimento e distanciamento de laços afetivos, além do sentimento de desamparo. Portanto, compreendemos que o sofrimento vivenciado por estudantes universitários não se origina a partir de uma única causa, mas como reflexo de uma sociedade, cada vez mais produtora de sofrimento, que o transforma em adoecimento, patologizando o indivíduo, como se o diagnóstico de determinada doença fosse individual e não a manifestação e sintoma de um adoecimento social e coletivo.

Materiais e métodos

Este estudo de caráter bibliográfico exploratório teve início com o levantamento de artigos científicos nas bases de dados SciElo, PePsic e Biblioteca Virtual em Saúde – BVS Brasil, utilizando-se dos descritores “sofrimento psíquico” e “universitários”, sem delimitação de temporalidade. Na sequência, realizamos 238 entrevistas semiestruturadas com estudantes de idades e séries distintas, acima de 18 anos, matriculados no 1º, 2º, 3º, 4º e 5º ano, do curso de Psicologia da Universidade Estadual de Maringá, de forma voluntária e sigilosa, seguindo as recomendações do comitê de ética para a realização de estudos com humanos. As análises dos questionários aplicados se deram por meio de anotações em papel, construções de planilhas no Excel e gráficos no Word, a partir do método do Materialismo Histórico Dialético e da Psicologia Histórico-Cultural.

Resultados e Discussão

A respeito da relação entre os acadêmicos do curso e entre os acadêmicos com os professores, observamos uma grande quantidade de respostas que denunciam laços fragilizados, desgastados, empobrecidos, em função de pressão psicológica, competitividade, individualismo, esgotamento, panelinhas, falta de abertura, flexibilidade, tolerância, empatia e compreensão. Tais fatores se evidenciam a partir de prazos rígidos e curtos e grande quantidade de atividades a serem desenvolvidas (provas, relatórios e trabalhos). Além do que, tais respostas negativas refletem na satisfação com o curso e o acolhimento institucional. 70% dos

238 estudantes entrevistados afirmaram não se sentir amparados e acolhidos em relação às angústias produzidas em meio acadêmico.

Em consequência a essa fragilização de laços e relações humanas, bem como da denúncia de prazos rígidos e grande quantidade de trabalhos a serem feitos, temos como expressão que 67% afirmou fazer uso de alguma substância psicoativa. Destes, 71% sente aumentar a frequência de uso em períodos de provas, elaboração e apresentação de trabalhos. 30% começou a fazer uso de algum medicamento após entrar na Universidade; e 42%, desenvolveu alguma complicação médica posterior à entrada na Universidade. Participar de atividades extracurriculares pode representar um fator de proteção e amenização deste sofrimento, hipótese corroborada pelo índice de que 71% dos entrevistados realiza alguma atividade extracurricular.

No que tange às exigências, prazos e quantidade de trabalhos e provas, Antunes (2018), destaca tais fatores enquanto processos bastante preocupantes, pois minam qualquer possibilidade de pensar em estratégias e soluções coletivas para demandas também são coletivas. O autor (p. 143) afirma que “[...] a origem desses processos de adoecimento tem também como pano de fundo, entre outros, o crescente processo de individualização do trabalho e a ruptura do tecido de solidariedade”. A ruptura desse tecido pode ser constatada pelas diversas respostas que apontam para conflitos na relação com os acadêmicos do curso e com os professores. Essa fragilização acaba afetando a relação do estudante com a experiência universitária, pois, a presença, ainda que mínima, de laços afetivos produz identificação. Identificação esta que possibilita ao sujeito reconhecer aspectos semelhantes no outro, reconhecer que o outro, nas suas inúmeras diferenças, pode estar sofrendo e vivenciando algo de maneira parecida e, com isso, criam-se condições de conversão desse sofrimento em experiências menos pesadas. Nestes casos, pode haver partilha de angústias e acolhimento livre de hierarquias e coerções. Quando há uma falha nisso, a percepção é de que o sofrimento é individual, assim como todo o desempenho acadêmico o é, cada um por si e ninguém por nós. Por isso, nos questionários em que os participantes demonstraram não estar tão satisfeitos com o curso, há predominância de respostas negativas para as questões sobre relacionamento interpessoal.

Esse sentimento de desamparo relaciona-se também ao desamparo estrutural dos tempos que vivemos. Tempos de dismantelamento de políticas e instituições e acreditamos ser sintomático dessa fragilização de laços humanos o uso de substâncias psicoativas. Hari (2015, s/p) afirma que os seres humanos “[...] têm uma necessidade profunda de estabelecer laços e conexões. [...] Se não conseguirmos nos conectar uns com os outros, vamos nos conectar com o que encontrarmos [...] deveríamos [...] parar de falar em "vício" [e] falar em "ligação"”. Dessa forma, enxergamos o uso de substâncias psicoativas como fruto dessa falha no estabelecimento de conexões humanas, como podemos comprovar pelo percentual de estudantes fazendo uso, 67% dos entrevistados. Acreditamos nessa tese por compreendermos que o uso abusivo, por exemplo, não diz respeito apenas aos componentes químicos de determinada substância, mas estão intimamente relacionados ao contexto em que o sujeito está inserido naquele momento específico de sua vida. Tais formulações ajudam-nos a pensar que de nada adianta estratégias e intervenções unicamente individuais, a solução passa pelo coletivo, o que requer a

construção de redes de proteção, assistência e permanência estudantil dentro das IES.

Conclusões

A partir dos dados obtidos e das discussões realizadas, constatamos que a experiência universitária, além de produzir conhecimento científico e inúmeras outras questões, produz também sofrimento psíquico. Esse sofrimento, no entanto, não é exclusivo do espaço universitário e reflete, na verdade, aspectos da nossa organização em sociedade. Sendo fruto do tecido social, esse sofrimento está atravessado por diversos fatores, como gênero, raça, classe, recorte histórico, aspectos políticos, etc. Portanto, possui, também, diversas origens, causas e determinações, sendo impossível tratar do assunto desconsiderando suas multifaces, se a pretensão é buscar sua raiz e tentar modificar as condições que o gestam.

Intervir nestes processos significaria atuar sobre os sentidos produzidos por tais experiências, compreendendo-as não enquanto fins em si mesmas, mas mediadoras da relação desse sujeito com o mundo (GONZÁLEZ REY, 2007). A partir disso, acreditamos ter respondido à pergunta inicial a que este estudo se propôs, que era “como estudantes universitários têm manifestado o sofrimento psíquico produzido em meio acadêmico?” - por meio de sintomas físicos e psíquicos, uso de substâncias psicoativas e medicamentos - deixando pistas e contribuições importantes para a compreensão da experiência universitária, de possibilidades e estratégias para dar conta das demandas emergentes e do sofrimento latente e disparando reflexões e questionamentos para estudos posteriores.

Agradecimentos

À minha orientadora, Rosana. À minha mãe, Rosângela. Ao CNPq, pelo fomento e incentivo à pesquisa. Ao Departamento de Psicologia da UEM e a todos que contribuíram de alguma forma com este estudo.

Referências

ANTUNES, R. **O privilégio da servidão**: o novo proletariado de serviços na era digital. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2018.

GONZÁLEZ REY, F. L. O enfoque histórico-cultural e seu sentido para a psicologia clínica: uma reflexão. In: BOCK, A. M. M.; GONÇALVES, M. G. M.; FURTADO, O. **Psicologia sócio-histórica**: uma perspectiva crítica em psicologia. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2007, p. 193-214.

HARI, J. **Descoberta a provável causa do vício**. E não é o que você pensa. 2015. Disponível em: <https://www.huffpostbrasil.com/johann-hari/descoberta-a-provavel-causa-do-vicio-e-nao-e-o-que-voce-pensa_a_21683180/>. Acesso em: 09 jul. 2019.

LEONTIEV, A. N. **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Horizonte, 1978.